

3ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

O passeio de Ana Amélia

Giselda Medeiros

Ana Amélia se vê, meio de ângulo, pelo retrovisor do carro que acaba de sair daquele aeroporto. Sente que a vida escorre, por aquela estrada, tão repentina e indiferente à sua vontade. O frio bate-lhe no rosto, e uma súbita saudade toca-lhe a maciez da pele bem untada. Ela olha as gotas de luz tremulando ao longo do caminho. Pensamentos... pensamentos... Tantos pensamentos tremulam também em sua mente! E eles agigantam-se, correm, como se estivessem a disputar velocidade com aquele carro que não sabe aonde vai chegar.

Atrás de si, a neblina, o caminho percorrido até ali. Falta pouco. Amanhã a luz explodirá, e haverá um espetáculo inusitado. E haverá rostos muitos rostos. E o cheiro da terra, da sua terra salpica-lhe o olfato, como uma terna lembrança que desperta, alvoroçada, nas pupilas daquela noite.

O cheiro da terra traz-lhe o gosto da infância. Muita coisa em sua mente desperta. Por quê, não saberia dizê-lo. Somente sentia. Sentir era tudo que queria. E quanto mais sentia, mais e mais ia-se entranhando de cheiros tão seus e tão amados, cheiros estupidamente conhecidos.

A uma lufada de vento frio, vem à sua mente o aconchego do abraço materno imantado da fortaleza do pai. Quanto os ama! Lembra os dois, o zelo pelos filhos (*crianças, recolher, já é noite, amanhã cedo tem aula*), a cidade, as pracinhas, as missas no domingo. O esposo amado. E o primeiro filho programado para breve. Caras, muitas caras, algumas conhecidas, outras diluídas na névoa do tempo. O tempo, com sua boca enorme, escancarada, devorando os próprios filhos.

Mas ela estava ali, e o tempo correndo, o carro correndo, a vida correndo sob as rodas daquele veículo que a mantinha pusilânime, presa para a imolação no altar de algum deus pagão.

De repente, uma freada brusca, a vida descarrilhando-se. Cacos de pensamentos voando, atravessando o grande oceano para o socorro que não chegou.

Com outro olhar e, perscrutando a fluidez de seu corpo leve, cada vez mais leve, volta-se, agora, a admirar as nuvens pesadas que se alinham na escuridão da noite, cujo hálito entorpece as copas das plantas imóveis.

Só imobilidade. E uma luz, lá muito longe, em diáfanos me-
neios, a chamá-la hipnoticamente.